



ASSASSINATO
NO WORKSHOP
DE ESCRITA CRIATIVA
JEREMIAS SEBASTIÃO MANUEL



**ASSASSINATO
NO WORKSHOP
DE ESCRITA CRIATIVA**

JEREMIAS SEBASTIÃO MANUEL

©Jeremias Sebastião Manuel e ésobrenós, 2022
Título: Assassinato no workshop de escrita criativa
Autores: Jeremias Sebastião Manuel

Contactos para palestra, seminário e workshop
E-mail: zesnarea2011@hotmail.com
Instagram: @jeremiassebastiaomanuel

Edição e paginação
Lucas Cassule

Design de capa
Lucas Cassule

Execução Gráfica
É Sobre Nós Editora

Revisão
Jeremias Manuel | Sérgio Fernandes | Lucas Cassule

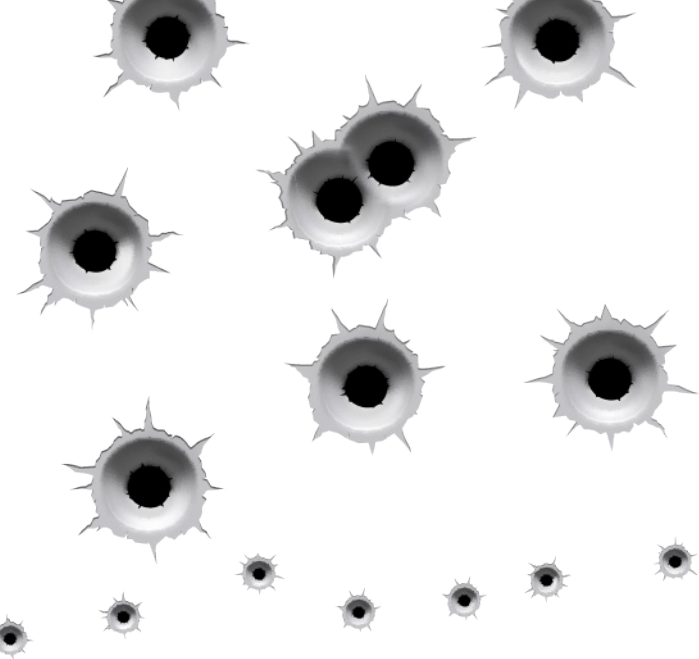
Marketing e publicidade
Alusapo

Conselho Editorial
Dito Benedito | Alzira Simões

ISBN: 978-989-9133-09-9
Edição Digital: Janeiro de 2023

É SOBRE NÓS EDITORA
Rua Fernão M. Pinto, 57, Alvalade | Luanda – Angola

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte, seja por quaisquer meios sem autorização por escrito do autor e da editora.



“Todo homem é atingido pelos próprios crimes.”
Cícero

Jeremias Sebastião Manuel

Nasceu em Viana, a 19 de Agosto de 1982. Licenciado em Direito e Mestre em Relações Internacionais. É funcionário Público e Professor Titular de Direito Processual Civil no Instituto Superior Técnico de Angola. Autor dos livros “O Candidato” (2018), “A banca” (2019) e “Ventos da destruição” (2021), todos romances de ficção policial.





I

E COMO O anúncio sobre o evento se expandiu por toda Luanda a partir das redes sociais, também pelas redes sociais em três dias chegou outro anúncio a alertar que os lugares estavam todos reservados para o Workshop a decorrer na sala do Instituto Guimarães Rosa, nos Coqueiros. Era o dia. Os convidados e participantes ao evento se ajeitavam na sala. Estava lotada e apesar daquele considerável número, respirava-se uma atmosfera dócil, agradável, mergulhada no glamour que grande parte das mulheres ali presentes trazia consigo, ora nas vestes, ora no andamento, no sorriso e olhos libidinosos. A luz era semi-abafada, tal e qual o som da falácia que levitava naquela sala em formato de semi-lua, quase toda acastanhada do chão ao tecto, com paredes ocas, funcionando como passagem para outros compartimentos daquele centro. A jovem de saia preta e camisola branca temática apareceu com uma bandeja e colocou oito copos descartáveis ao pé das pequenas garrafas de água que permaneciam inertes, rentes às pernas das cadeiras. E foi naquele instante, pelas 14h15, que os apresentadores Dilson Maria e Isvânia Marques entraram, fazendo com que a expectativa dos participantes se traduzisse em aplausos e assobios. Ambos saudaram a sala e, Dilson, o anfitrião, deu as boas-vindas à Isvânia e esta retribuiu. A plateia sentou-se.

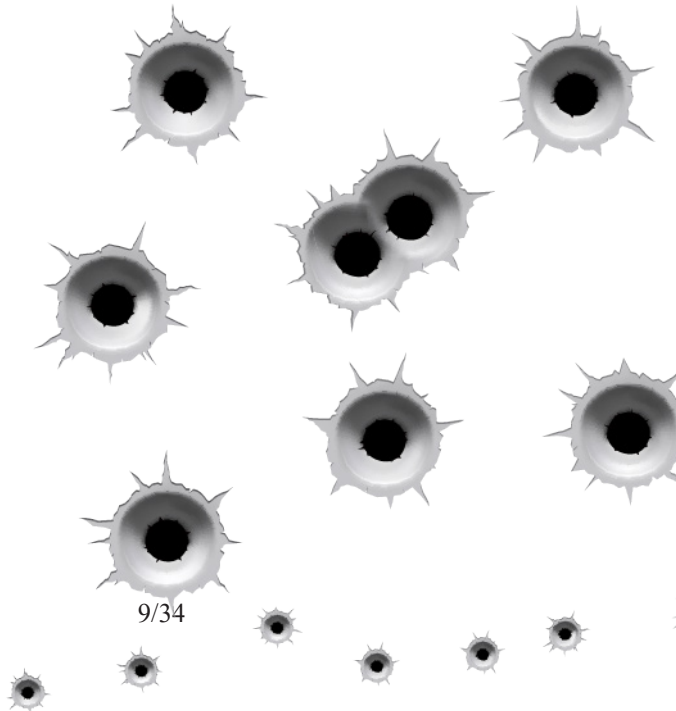
— Estamos satisfeitos pela vossa presença aqui... — começou por dizer o homem franzino. Trazia um par de calças preta bastante justas. O pulôver era igualmente preto e na cabeça tinha uma toca, como que a esconder alguma coisa — ... queremos agradecer-vos por terem cá vindo... — continuou a falar com a sua voz aguda, agradável ao ouvido de grande parte das meninas naquela sala.

— Como sabem, e por isto estão aqui, hoje teremos vozes autorizadas a falarem sobre aquilo que se escreve na nova geração de escritores angolanos... — Era Isvânia, mulher de pouca altura, mas com um sorriso estarrecedor. A tez era dum castanho-chocolate e os seios ainda desafiavam a força da gravidade

— ... por isso, e sem mais delongas, vamos chamar os nossos convidados! — anunciou a apresentadora. A sala pôs-se em pé para aplaudir os seis escritores convidados a falarem sobre os mais diversificados géneros literários. Com as cadeiras viradas para frente dos participantes, em paralelas, os convidados foram saudando os apresentadores e tomando os seus assentos de acordo a ordem em que eram chamados. Dos convidados, as duas senhoras, Rosa Soares e Cíntia Gonçalves, não apareciam em eventos literários com frequência. Os restantes, Helder Simbad, Sérgio Fernandes, Velho Kipacaça e Jeremias Manuel estavam quase sempre, ora pavoneando os seus livros, ora pavoneando os seus conhecimentos. Estavam todos sentados e um clima tenso se deu aí. Havia muita expectativa. A sala estava apinhada de pessoas porque cada um dos convidados tinha a sua especificidade na escrita e isto atraía leitores e candidatos à escrita de toda a Luanda. Dilson exibia um sorriso que saía duma ponta da orelha à outra de tamanha felicidade. Quase que roubava as falas todas ensaiadas à Isvânia. Cada convidado tinha o seu microfone e acompanhando a disposição das cadeiras. Saudaram a plateia em seguida, mesmo sendo escusado, apresentaram-se. Enquanto, os apresentadores trocavam discretamente mais informações num dos cantos do palco. Isvânia tomou a palavra e Dilson ficou à margem, bebendo água. A menina anunciou um número musical que seria sucedido pelas palavras de boas-vindas do director do centro. O músico, que surgiu do nada atrás do palco, começou a tocar a viola e com a sua voz rouca cantava. Quando terminou, a plateia coloriu-se em aplausos. Os apresentadores e convidados também. O silêncio que se seguiu era para a entrada do director do centro. Nada. Os apresentadores entreolharam-se e depois olharam para a porta lateral do palco, como que chamando pelo director. Silêncio.

— Vamos fazer um intervalo de cinco minutos e às 14h30, recomeçamos. Enquanto isto, teremos música. — Dilson quebrou aquele imbróglio. Naquele exacto momento, Reinira28 acabava de chegar, ela e a sua irmã. Não foram a tempo de sentarem-se. Os convidados e participantes levantaram-se e

puseram-se à conversa, um mais à vontade do que o outro. Os apresentadores abandonaram o palco, indo à procura do director do centro. Não seria possível começarem sem ele.



II

TANTO A sala onde decorria o evento, quando ao hall do centro estavam preenchidos por luzes cintilantes, todas presas em candelabros de braços diversos que, não só davam um colorido aos rostos e sorrisos que aí perambulavam, como demonstravam a beleza arquitectónica daquele lugar. Na sala do evento, equiparada a uma de cinema, o tom era todo castanho-escuro do chão ao tecto. Os assentos, cobertos em vermelho de panos de linho, duma ponta a outra, descreviam vários arcos de dentro para fora, da fila mais comprida para a mais curta, à medida que se aproximavam do palco. O tecto era escuro, mas mais pela falta de iluminação propositadamente criada. Seis candelabros estavam presos nele e adornados em madeira que mais pareciam que acabavam de ser polidos. Aquela parte de cima apresentava-se numa abóbada parecida as da fase do Renascimento. Os grupos estavam divididos. Mais ninguém disfarçava as ilhas criadas no mundo literário de Luanda. Naquele espaço aberto transformado em sala de arte, num dos cantos, sob olhar atento duma pintura afresco presa numa parede branca, estavam os leitores da Mediateca de Luanda liderados pela Priscila Carmelino. Diziam as más línguas que eram o suporte de três autores, mas mais do Lucas Cassule, um fenómeno literário no que tem a ver com a publicação de livros. Os críticos literários estavam no lado oposto, em volta de uma escultura da cultura Ovimbundo. Pelas gargalhadas que davam, e liderados pelo AC Kamba, bem se via que mais um texto recém-publicado havia sido reprovado. Reinira²⁸, sempre acompanhada da Clélia e agora com mais cinco elementos, entres eles o designer Bondi e a Johanna Miguel, abordavam o estado do GELELA. O som da sala principal daquele centro funcionava como banda sonora para as várias rodas que já se viam aí. Beni Dya Mbaxi estava quase à porta de saída do pátio com o Cláudio e o Francelmo. Não exibia o seu habitual sorriso que traduzia a vitória do gueto, do Cazenga. Os convidados estavam fora do palco e, cá embaixo, também se dividiram, o Jeremias isolara-se num dos

cantos com o Ipad preso entre as mãos, Sérgio Fernandes juntara-se ao Dias Neto, Lourenço Mussango, Marcos Agostinho e Alírio. Eram cérebros aí. Simbad, longe da roda dos críticos, estava com a Edmira, David Gaspar, Pedro Kamorroto e Fernando Dhyakafunda a abordarem as teorias sobre a literatura. Dito Benedito, Florinda Lucas e Ariege Ebo conversavam com a Yermarília. Falavam sobre a trémula luz que agora o movimento Ukulihinso emitia, o mesmo movimento, diga-se, que suportava o escritor Velho Kipacaça, que por acaso, não muito distante daquele lugar, pavoneava suas vestes fazendo fotografias em alta definição a partir do último modelo da Apple. Etna e Emanuela eram as fotógrafas. Rosa Soares estava afastada do centro, ladeada de jovens, mais parecia que concedia uma entrevista a um canal de televisão sensacionalista. Não se via a Cíntia nem o João Fernando. Lucas Cassule e o Luefe ainda não estavam aí, embora tivessem os lugares reservados. Os *Slammers* estavam como que reunidos. Agora assumidos como a vanguarda da poesia em Angola, Pedro Belgio, Irene, António Paciência, Cardoso Pedro e Joice Zau falavam do obsoleto estado dos poetas tradicionais. Gino Sacramento explicava ao Kapa Afonso a nova roupagem que dera ao *Father, please, don't go*. Mas quem andava dum lado ao outro, como que perdida, era a Isvânia. Procurava pelo Dilson. Só podia estar ali dentro porque as portas de acesso ao exterior do centro estavam fechadas por conta do número de pessoas que tardiamente quiseram participar do evento. Não havia sinal do Dilson Maria. O músico no palco ia no seu terceiro número. Os cinco minutos de suspensão do evento transformaram-se em trinta, quarenta, quase cinquenta. Eram agora 15h20, e foi nesta delonga que um som estridente saiu da casa de banho, abafando toda a falácia que preenchia o hall do Centro Cultural Brasil Angola. Os mais próximos correram para ver o que se passava. Os grupos do Sérgio e Helder foram os primeiros a entrarem na casa de banho. Era a masculina. Ficava à direita para quem ia a sair daquele corredor transformado em sala de exposição. Sérgio e Helder deram de cara com uma senhora estática, inerte, olhando fixamente para o interior do balde.

— O que se passa? — Helder Simbad tentou aproximar-se. Sérgio o prendeu. A senhora não respondeu. Os olhos arregalados anunciavam o corpo franzino atirado no balde de meio metro de altura.

— Ele está morto! — disse. A respiração de tão irregular que estava, a senhora recuou e apoiou-se na parede branca da casa de banho.

— Morto? Quem? — era a voz rouca do Dias. Sérgio, destemido, avançou para coscuvilhar o fundo do balde azul. Quando o fez, um arrepio tomou toda a sua medula.

— Não! — gritou, atónito. Os outros dois ali presentes também se aproximaram e viram o nefasto acontecimento. Quando a Edmira viu com os seus olhos grossos, o grito abalou toda a parte baixa da cidade de Luanda. O corpo estava tal e qual se apresentara, mas agora com os olhos tão brancos como as nuvens nos céus. Olhava para cima, como que a pedir justiça. Tinha também cinco aberturas entre o tórax e abdómen e na testa denotava-se um edema. Todos no hall se aperceberam e correram para a casa de banho. Impossível caberem mais de dez pessoas, lotaram a porta e cada um foi entrando para certificar-se do sucedido. Quando o faziam, saíam horrorizados.

— Chamem a polícia! — falou a Irene, chorando amargamente. Outras meninas choravam também nos cantos daquele espaço todo ele branco das paredes ao tecto. Jeremias tinha o telefone preso à orelha.

— Já o fiz, mas não sei se chegarão agora. — falou o Dias, tendo o contacto directo dos oficiais.

— Temos de isolar este lugar. — era o Ariege Ebo. Mergulhada em choros, a casa de banho continuava a receber olhares curiosos das dezenas de pessoas ali que não hesitavam em sacar os telefones para fotografarem o corpo que jazia no balde.

Todos queriam ter a certeza do assassinato do Dilson Maria.

III

O AMBIENTE de festa dera lugar ao de óbito. A direcção do centro estava toda tremida e ocupada a fazer telefonemas. Aquela morte ocorrera em solo brasileiro e segundo as normas da diplomacia, a polícia angolana só podia entrar aí com autorização do gabinete central de Itamaraty. Eram 15 horas em Luanda, 11 horas em Brasília, sábado. Muito dificilmente o ministro dos negócios estrangeiros estava em sua mesa, em Brasília. O tempo urgia, o caso precisava ser desvendando ou o homicida escaparia impune. A polícia angolana, entretanto, demorava a chegar. Sabia-se, já, que, afinal, estavam à espera da autorização da Cidade Alta, tal e qual foi com o atentado terrorista perpetrado pelos malianos na embaixada francesa, há dois anos. Isvânia tinha os olhos em lágrimas. Era consolada pelo Pedro Bêlgio. Os homens da embaixada estavam numa semi roda onde incluíram o Lourenço, Dias, o Sérgio, o João Fernando e o Simbad. Foi naquele instante que o Jeremias se aproximou.

— Consegui falar com um agente que está aqui nos arredores. Chega em 5 minutos. Se o autorizarem, com a competência policial que lhe é atribuída pelo Estado angolano, pode começar a investigar a morte!

— Ele é mesmo polícia? — perguntou o director do centro.

— É, sim. Está em férias, mas é.

— Quem é ele?

— Teixeira, agente Teixeira!

— O agente dos teus livros? Mas eu julgava que ele fosse fictício! — espantou-se o Dias.

— A ficção nasce da realidade. — respondeu o Jeremias abandonando aquela roda. Teixeira estava à porta do CCBA.

Teixeira vestia roupas pretas, tal e qual nos principais momentos em que foi descrito quando inspirara o Jeremias

nos seus três livros de ficção policial. O homem caminhou até ao centro da sala, olhando de soslaio a todos os presentes. O ambiente de dor não o comoveu. Sabia que era nele que o homicida se esconderia.

— Então, o que temos? — perguntou o homem. O director do centro estendeu a mão ao agente ignorando as formalidades. Pela amizade que o director tinha com o malgrado, seria uma honra à sua alma descobrir quem o assassinara.

— Tens toda a liberdade de actuação e exploração do centro, até os serviços de investigação serem autorizados e chegarem aqui. Teixeira aquiesceu.

— Onde é a cena do crime?

— Na casa de banho. Vamos, eu indico. — respondeu o João Fernando. As pontas dos seus bigodes trepidavam de excitação. O homem adorava ser o cerne da questão e ao ver o Teixeira, rápido deduziu que devia trabalhar com ele para ficar com os louros todos. Conhecia-o a partir da obra O Candidato, e sabia, portanto, que estava diante da expressão máxima da investigação criminal em Angola. Enquanto os cinco homens se dirigiam para o local do crime, Lourenço, sob orientação do Teixeira, foi pedir aos guardas para impedir a saída e entrada de qualquer pessoa.

Aquela casa de banho descrevia um pequeno rectângulo onde num dos lados estavam três cubículos com suas portas brancas, tal como o chão e paredes naquele lugar. No lado a seguir, fazendo agora um L, estavam três urinários. Seguidamente, estavam dois lavatórios e seus espelhos. Era aí onde estava o balde azul de meio metro. Nele, o corpo do Dilson.

— Alguém tocou no corpo? — o olhar frio do homem escondia a comoção com o sucedido.

— Não. Tive o cuidado de impedir isto. — Era o Ariege, à porta. Na parte de fora, Florinda e Johanna estavam vislumbradas. Por momentos, esqueceram-se da morte e concentraram-se na imagem do Teixeira. Mais parecia que viam um herói da Marvel.

— Preciso de um telefone com excelente qualidade.

— O Jeremias o tem — falou o Sérgio.

— Melhor o do Velho Kipacaça. — respondeu o homem garrincha, lembrando-se que o autor do O segredo Angolano passara parte do tempo fazendo fotografias com o seu iPhone 14. Velho Kipacaça estava inconsolável. Chorava como um homem traído pela mulher. Era pelo Dilson que seus livros eram mais falados. Etna e Emanuela tentavam consolá-lo. Jeremias o convenceu a entregar o telefone. Agora ele estava a fotografar em alta definição o corpo.

— Fotografe o espelho, as portas, as paredes, o tecto e o chão. — Pediu Teixeira.

— A tal análise tridimensional da cena do crime? — perguntou o novo fotógrafo.

— Sim, chão, parede e tecto. — Dias e Simbad ficaram malaikes. David Gaspar e Pedro Kamorroto tentavam espreitar o interior da casa de banho.

— Preciso de um saco plástico, em formato de lençol. — Dias saiu e pediu à Joice Zau que fosse pegar à cozinha. Lesta como os versos que saem da sua boca quando tem um microfone consigo, num ápice, a mulher de nádegas convidativas regressou com o pedido do Teixeira. Estenderam-no no chão.

— Vamos retirar o corpo do balde, certo? — questionou o João.

— Certo. Lourenço, preciso da relação nominal de todos os presentes na sala. Depois, confronte-a com a lista de inscritos no evento. Jeremias, disseste-me que a sala estava totalmente preenchida. — O homem confirmou. — Ótimo. Todos os inscritos devem constar da lista que o Lourenço fizer. — O corpo do Dilson estava no chão. De tão franzino que era, não deu trabalho algum. Teixeira orientou mais fotografias. O pulôver preto que impedia a identificação das facas e o sangue provocado por elas cobria o tórax e abdómen. Teixeira fechou os olhos do pobre coitado. Reparou depois que lhe sur-

gira um enorme edema na testa. Pediu que fotografasse o local com mais precisão. — Há aqui um bom designer?

— Sim, o Bondi. — respondeu o Sérgio.

Marcos correu a chamá-lo. Regressou no mesmo instante.

— Senhor inspector?

— Agente Teixeira. — corrigiu o homem de vestes pretas. — Com a tua arte, quero que olhes detalhadamente para este edema.

— Que olhe, como?

— Amplie as fotografias e determine se resultou de uma queda ou uma batida. Se for de batida, identifique as partículas do objecto. Poderá ser a arma do crime. Encontre uma escova de dente numa destas casas de banho e passe suavemente sobre a superfície para apurares as partículas que jazem sobre ela.

— Ele não morreu pelas facadas? — era o Sérgio, o autor do “O último dos sonhadores.”

— Não, se tivesse morrido aqui, este balde estaria cheio de sangue. — respondeu o Jeremias.

— Exactamente. Os ferimentos foram *post mortem*. — explicou o Teixeira.

— Então, onde ele foi morto? — perguntou o Dias.

— Lourenço, o pessoal da limpeza. A questão aqui é: de onde este balde é?

— Teixeira, há escoriações aqui no pescoço — falou o Jeremias.

— Já as vitrifiquei. O homem foi também asfixiado.

— Céus! Quem mataria alguém assim? — agoniou-se Simbad. Teixeira não respondeu. Mas sabia que a extrema violência empregue num crime resultava do ódio, algum sentimento compulsivo ou algum tipo avançado de transtorno. O

homem guardou para si aquela análise, pois, o assassino do Dilson podia estar naquela casa de banho.

— Qual é, então, a causa da morte? Temos as facadas, a batida na cabeça e o enforcamento. — Inquiriu o Sérgio.

— Ferimentos com objecto pontiagudo, traumatismo e asfixia. — corrigiu o Jeremias. Teixeira sorriu. Naquele instante, o homem levantou o pulôver do Dilson e as feridas no abdómen e tórax estavam bem evidentes. Eram cinco, ao todo. Teixeira concluiu imediatamente que o assassino era destro pela forma como as facadas foram desferidas. Mais dificuldade. Sem elaborar um cálculo, sabia que 90% das pessoas naquela sala eram destros.

— Marcos, vá saber do Lourenço se já temos a relação nominal de todos os presentes. Diga-lhe que quero o manifesto deste evento.

— Manifesto? — O jovem, enrugou o rosto, aturdido. Teixeira explicou o que era. Este sorriu, envergonhado e girando os calcanhares que suportavam o seu corpo pesado, desapareceu.

— Bem, penso que é a hora de passarmos para a segunda fase da investigação. — falou o agente.

— Qual foi a primeira? — inquiriu o Ariege.

— Colheita de provas materiais. Agora vamos interrogar todo mundo, começando com a apresentadora que esteve com Dilson. Quem é ela?

— Isvânia, Isvânia Morázia. — Indicou o João. Marcos sorriu, lembrando-se da cena no Assassinato no expresso do Oriente de Ágatha Christie.

IV

TEIXEIRA JÁ interrogara mais de 25 pessoas naquele lugar. Começou pelas primeiras a chegarem ao evento. Os interrogatórios decorriam no palco onde estavam os convidados, e enquanto não estivesse a interrogar pessoa alguma, ouvia atentamente os seus colaboradores, João, Helder, Lourenço, Sérgio, Marcos, Ariege, Jeremias e Dias. Isvânia também fora convidada a colaborar, mas a menina estava inconsolável. Numa simples cadeira, num frente-a-frente, o homem ouvia todos os testemunhos. Naquele momento, ouvia o chefe da segurança do edifício.

— Portanto, desde a hora 8 que o director do centro chegou aqui, não abandonou o edifício.

— Não, senhor investigador, todo este tempo ele esteve no edifício.

— Obrigado. Só mais uma pergunta: o teu detector de metal está operacional?

— Sim, senhor.

— E fizeste o controlo? Ninguém entrou com metal neste centro?

— Fiz, sim. Ninguém entrou.

— Podes te retirar. Jeremias!

— Sim.

— Disseste que o intervalo de cinco minutos que se prolongou por uma hora deveu-se à ausência do director.

— Exactamente. Foi a informação que os apresentadores nos passaram. — Teixeira levou os dedos indicador e polegar ao queixo, enquanto franzia o sobreolho.

— Esta paragem foi premeditada para a prática do homicídio...

— Não foi mera coincidência aquela paragem? — per-

guntou o Lourenço.

— Na vida criminal não existe coincidência, existe encobrimento. — a resposta foi uníssona.

— Traga-me o director do centro. — Marcos correu para a parte de fora à procura do brasileiro. Quando retornou àquela sala acastanhada, via-se no rosto do paulista uma certa preocupação.

— O que se passa? Sou suspeito de cometer um crime no meu próprio centro? — falou o homem de sotaque.

— Não. Apenas, quero que me digas porque não estive no palco às 14h25, quando foi chamado.

— Tratava de assuntos ligados à embaixada.

— Preciso que me esclareças, caso contrário, poderei interrogá-lo como suspeito. — o homem tremeu. Sabia que ser ouvido como declarante era diferente de suspeito. Sabia também que se aquele escândalo caísse para qualquer brasileiro, era bilhete de regresso ao Brasil, e eles não estavam muito interessados em regressar. Tinham e viviam o melhor que Angola podia dar. O homem pediu a Teixeira que se aproximasse. Este assim procedeu.

— Estava no meu gabinete com uma mulher! — segredou o homem.

— Tiveram sexo?

Hesitando na resposta, o brasileiro mexeu a cabeça dum lado ao outro.

— Ó, cara, isto é irrelevante!

— Não, não é. — O senhor voltou a fazer silêncio.

— Não, não tive. Ela não aceitou.

— Tal como previ. Tratou-se, na verdade de uma simples manobra de diversão. Como esta mulher foi parar à tua sala?

— Foi-me apresentada pela Irene. — Teixeira olhou para o João Fernando, como que perguntando quem era a mulher.

— Irene A'mosi é slammer, actriz, roteirista, pertenceu ao movimento Forno feminino e sempre esteve activa nas Leituras Assistidas, programa dirigido pelo Dilson, sob orientação do brasileiro à tua frente. — excelente, pensou o Teixeira, vindo agora que a mulher cumprira um de três requisitos para a prática dum homicídio: motivo. No mesmo instante a mulher entrava. Era esbelta. Tinha quase 1.70 de altura e pesava 57 kg. Tinha a tez preta, tão lisa como de uma Black Mamba. Vestia calças de pano, preta e a blusa era de seda, branca, quase sem mangas e algo transparente, deixando os seios hirtos visíveis no seu formato angelical. O rosto era tão vislumbrante quanto os versos que saíam da sua boca. Sentou-se naquele palco que conhecia bem.

— O director disse-me que a tua relação com o malogrado não era boa por conta das leituras assistidas. — Mentiu Teixeira. Irene olhou de lado, como que consentindo.

— Ele armava-se o dono disto tudo e em muitos casos quase ficava com o dinheiro todo que o centro dava para os actores.

— E isto era motivo para o matares? — Irene espantou-se.

— Eu não o matei! Credo! Não tenho nada a ver com este crime.

— Mas tiveste motivos.

— E ter motivos é crime? Nunca vi isto.

Teixeira queria sorrir. Sabia que a juventude via e aprendia muito nas séries de investigação criminal passadas na televisão. O homem reparou na mão direita dela. Tamborilava a ponta do braço da cadeira.

— Dias, arranja-me uma folha branca. Chamem o Bondi. — No mesmo instante a folha e o Bondi estavam aí. — Preciso da escova de dente. Dias, a folha branca sob os dedos da nossa querida Irene. — Agora, olhando para os maravilhosos olhos dela, pediu-lhe que esticasse os dedos. Posteriormente,

delicadamente, começou a escovar a parte de baixo das unhas. Saía um pó claro. Jeremias, conhecendo o procedimento, começou a fotografar. Instantes depois, Irene foi dispensada. Ali com os seus assistentes, Teixeira pediu ao Bondi que exhibisse as partículas extraídas da superfície do trauma exposto na testa do Dilson. Coincidiam. O homem sorriu. — Falta-nos a arma. — Falou por fim.

— Foi uma pedra. — Falou o Simbad.

— Sim. Dêem uma volta ao parque, aposto que encontrarão várias pedras, mas uma terá o ADN do Dilson. E mais, não procurem por pedras grandes. A Irene tem uma mão pequena. — Dias, Simbad e Sérgio correram para parte de fora à procura da pedra.

— A lista das empregadas de limpeza está aqui — falou o Lourenço.

— Estava a ver que nunca mais te pronunciavas. Quantas são?

— Três.

— Traga-as. — As senhoras entraram naquela sala de forma tímida. Sabiam do homicídio e que também a polícia já aí estava. Duas sentaram cá, embaixo e uma subiu ao palco onde estava o Teixeira. Sentou-se. Tremia como vara verde. Sem muitos rodeios, Teixeira fez as primeiras perguntas, identificando-a e posteriormente dando-lhe a conhecer a gravidade da situação e as consequências que se seguiriam se ela mentisse ou não colaborasse. Quando ele terminou, a empregada já estava toda borrada de medo.

— O balde azul é da casa de banho das senhoras.

— E como foi parar na casa de banho dos senhores?

— Não sei. Eu vi o senhor Dilson a entrar na casa de banho das mulheres.

— Quanto tempo ficou nela?

— Não sei, não controlei. Eu fiquei aí 15 minutos à por-

ta, né, mana Engrácia? — gritou para a outra a empregada.

— Foram mesmo 20. Estava lá com aquela moça mulata que também vem muito aqui. — respondeu a outra empregada. A terceira empregada nada dizia. Parecia que sabia de mais coisas.

— Quem é esta “mulata”? — Teixeira abominava aquela expressão.

— Não sabemos o nome. Mas antes da actividade começar, eles já estavam a se agarrar ali fora. — Teixeira olhou para o Jeremias.

— Eu não conheço muita gente aqui.

— Não és escritor?

— Sim, mas grande parte dos meus leitores não andam nestas rodas literárias. — respondeu.

— Eu acho que sei de quem se trata. — Era o Lourenço. Acedeu ao manifesto do evento. Encontrou um nome e uma imagem. — É ela? — A empregada viu a imagem no papel.

— É, sim. Ela estava com o senhor Dilson na casa de banho.

— Quem é ela?

— Priscila Carmelino, uma das coordenadoras do movimento literário da Mediateca de Luanda.

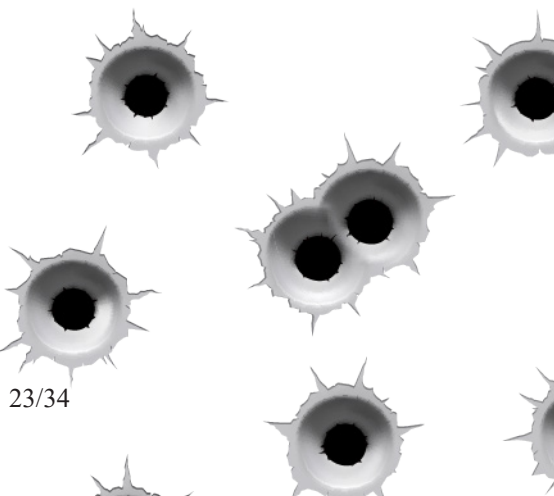
— O Dilson também foi coordenador de um dos movimentos de uma Mediateca?

— Sim, do Cazenga. — João Fernando explicara.

— Chamem-na. — pediu o Teixeira.

— Já vai a entrar — respondeu o Lourenço. Priscila tinha o rosto felino. A pele clara demonstrava suas origens. Vestia umas calças jeans, pretas e no tronco tinha uma camisola igualmente preta, com o símbolo do Batman. A altura ia até 1,55 centímetros. Era estreita e tinha ar de muito convencida. Caminhava sempre em linha, em equilíbrio, como se de uma

desportista se tratasse.



V

— Priscila, soube que foi das últimas pessoas a ver o Dilson Maria em vida.

— Sim. Estivemos a conversar um pouco, mas depois eu saí e fui apanhar ar.

— Estiveram na casa de banho?

— Sim, eu não queria ser vista com ele e ser conotada como mais uma das suas namoradinhas. — Teixeira notou então que ela também cumprira um dos requisitos para a prática do homicídio: oportunidade. O homem reparou nas mãos da mulher. Estavam avermelhadas. O tom de pele da Priscila facilmente deixava indícios quando envolvida em qualquer acto de força. Teixeira chamou o Jeremias para fotografar as mãos da menina. Este assim procedeu.

— Estes hematomas, onde os arranjastes? — a mulher cerrou tardiamente os dedos.

— Não sei, não me lembro. — Priscila olhava para o horizonte, fugindo os olhos castanhos do Teixeira.

— Talvez sejam quando puxaste este balde da casa de banho das senhoras para a dos senhores. — Teixeira exibia a fotografia do balde feita pelo Jeremias.

— Eu não movimenteí balde algum. — respondeu peremptoriamente.

— Ou talvez são da corda que usaste para asfixiar o pobre coitado.

— Não sei do que falas. — Priscila não esboçava sentimento algum.

— Seria bom para ti se me disseses onde avermelharam-te as palmas da mão.

— Não tenho nada a declarar sobre isto. — Teixeira nada mais disse. Autorizou a entrada da chefe da cozinha. A

senhora que preparava o cocktail para fim do evento estava na cadeira. Tremia. Naquele instante, os homens que foram procurar pela pedra no pátio do centro regressaram de mãos vazias.

— Não encontramos nada — falou o Dias.

— Viramos o parque todo e nada. — Era o Simbad

— Já previa. Mas vamos achar esta pedra. — Teixeira virou-se para a responsável da cozinha. Ampliou as fotografias das cinco perfurações que o Dilson tinha e exibiu-as tão próximo dela que um horror tomou o seu cérebro. — Estas perfurações foram feitas por uma faca de 20 centímetros, pontiaguda, faca de cozinha, portanto. Aqui, só a senhora tem a direcção efectiva de uma cozinha. A senhora reconhece esta faca?

— Sim. — A fala era titubeada.

— Como uma faca da tua cozinha foi assassinar este homem?

— Não sei, não sei, senhor investigador. Nós apenas viemos servir e nenhuma de nós saiu da cozinha desde que cá chegámos.

— Não precisariam para a faca chegar às mãos do assassino. — Teixeira contornou a senhora e parou ao ouvido dela. — Quem esteve na vossa cozinha?

— Ninguém, quer dizer, vi apenas uma das minhas trabalhadoras a conversar com alguém à porta.

— Alguém?

— Sim, não reparei bem.

— Onde está a tua trabalhadora?

— Teve de sair, o filho passou mal. — Teixeira olhou para o Jeremias. — Teu carro está operacional? — o homem respondeu afirmativamente. — Dê o número dela, o meu amigo irá buscá-la.

— Não creio que seja possível. Ela vive no Zango saiu há

uma hora e está sem telefone.

— Não te consegues recordar da pessoa?

— Vi apenas a ponta da cara. Era clara e tinha tranças no ar.

— É uma mulher, portanto — chutou o Dias.

— Lourenço, mostre as imagens à senhora. — Lourenço com o seu corpo pesado, correu para o palco. Exibiu a lista fotográfica de todos os presentes. A senhora da cozinha foi olhando atentamente até parar num rosto.

— É este. — disse.

— De quem se trata?

— Beni Dya Mbaxi, — respondeu o Sérgio — um gajo lixado. — Teixeira o fitou.

— Lixado?

— Sim. Ganha todos concursos que participa. É o escritor da nova geração mais premiado em África.

— Sério? E eu a pensar que fosse o Simbad ou o João Fernando de tão propalados que são os vossos nomes — falou com gozo o agente que há três anos fora escolta da governadora do Banco Nacional.

— Os resultados dos prémios nem sempre reflectem a qualidade das obras. — respondeu o Simbad. Beni Dya Mbaxi estava a entrar na sala. Vinha acompanhado pelo Marcos. Seus fiéis seguidores ficaram do lado de fora, como que guarda pretoriana. O homem sentou-se. Era magro, tal e qual o Dilson mas o superava na altura. Tinha o rosto largo e um sorriso que saía duma orelha à outra. Nos pés calçava um par de Converse e a calça que vestia era branca.

— Beni, testemunhas afirmavam que esteve na cozinha do centro.

— Sim, fui conversar com uma das jovens. — o escritor estava nervoso.

— Esta conversa tinha a ver com a entrega desta faca?
— Teixeira indicava o objecto a partir da fotografia que o Jeremias fizera numa outra, na cozinha. Beni Dya Mbaxi fez silêncio. Julgou se tratar da mesma faca.

— Sim, pedi a faca, mas rápido me desfiz dela.

— Queres explicar?

— Eu pedi a faca porque queria cortar um tronco de árvore ali fora.

— Tronco de árvore?

— Sim. Queria dar uma surra ao Dilson porque inicialmente ele convidou-me para este evento, falaria de como o gueto venceu, mas à última da hora ele me substituiu pelo Velho Kipacaça. Eu desmarquei uma palestra no Zimbábue para estar aqui. Ele não podia fazer isto comigo.

— Portanto, tiveste meio, motivo e oportunidade para assassinar o pobre coitado.

— Eu não o matei. Discutimos ali fora, ainda nos emurrámos, mas depois ele foi-se.

— E aonde deixaste a faca?

— Deixei-a na casa de banho dos homens quando fui me lavar. — sem que pedisse, Sérgio e Dias foram às pressas coscuvilhar a casa de banho. Retornaram um minuto depois com a faca. Pegavam-na cuidadosamente para não corromperem as impressões digitais.

— É esta faca? — Teixeira olhava para o Beni.

— Sim, mas não estava ensanguentada. — o agente olhou cuidadosamente para o objecto e reparou que o sangue não se estendia só na ponta e na lâmina dela, como também no gavião. Ora, se a parte da faca composta pelo gavião apresenta sangue, este só pode ser do assassino porque as perfurações não atingiram o dorso completo, e não houve deslocação daquele tecido até ao calcanhar do objecto, concluiu o agente.

— Podes te retirar. — Era o Teixeira. Com o Beni fora,

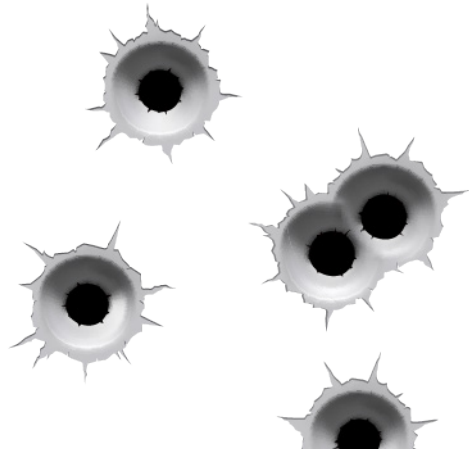
Teixeira pediu a todos os presentes para exibirem as mãos. Procurou ferimento ligeiro entre o indicador direito e o polegar.

— Como ousas desconfiar de nós? — perguntou o João Fernando.

— Aprenda a confiar em ti e a desconfiar da tua sombra. — respondeu o agente. — Vocês terão a vossa última missão. Enfileirem todo mundo na parede e procurem na mão direita, na parte lateral do dedo indicador pequeno ferimento resultante de corte. Depois disto, teremos o nosso terceiro assassino.

— Terceiro?! — era o Marcos.

— Sim. Temos o que bateu com a pedra, o que asfixiou e o que desferiu os golpes. — Todos na sala ficaram boquiabertos com a conclusão do Teixeira.



VI

OS HOMENS começaram a fazer o que Teixeira pedira, enquanto este estava na casa de banho feminina com Bondi e Jeremias. Não mais havia muito tempo. O director do centro informara que a polícia angolana estava autorizada a proceder a investigação e a mesma também já fora autorizada pela Cidade Alta a se deslocar para o CCBA. Johanna conversava com a Florinda e a Reinira²⁸, enquanto os homens não chegavam a elas.

— O que estarão agora a fazer? — era a Florinda. Parecia apreensiva.

— Parece que estão a revistar as pessoas. — respondeu a Reinira²⁸. Etna aproximou-se.

— Este que está a investigar é mesmo o agente Teixeira dos livros do Jeremias.

— Em carne e osso. — Era a Florinda. Morria de amores pelo personagem.

— O Teixeira do O Candidato, A Banca e Ventos da destruição — reforçou a Johanna.

— Um super agente! — Etna mordeu os lábios que possuía. Eram carnudos e suaves como as nuvens. Aliado ao peito que tinha, aquela escritora e engenheira do exército angolano fazia as delícias de muitos leitores e escritores.

— E esta investigação não termina? — Voltou a perguntar a Florinda.

— Deve estar a terminar. Neste momento, o que se faz é o exame de corpo de delito. — Johanna, além de estar no mundo da literatura, era estudante de direito.

— Exame de corpo, como? Eles não podem mexer no corpo do Dilson. — afirmou a Etna.

— Exame de corpo de delito não é necessariamente examinar o corpo da vítima. Do latim Corpus delecti, este exame

consiste na recolha de provas destinadas a apurar se houve ou não o cometimento de crime. É a fase inicial e determinante do processo penal.

— E se apurarem alguma coisa? — Perguntou a Reineira28.

— Entra em cena o Ministério Público, órgão da Procuradoria que remeterá o processo para o juiz em formato de acusação. Se o juiz concordar com as provas recolhidas aqui e a consequente acusação do Ministério Público, o processo vai a julgamento.

— Deus me livre de estar diante de um juiz! — exclamou a Etna que com suas nádegas voluptuosas. Afastou-se em direcção ao Velho Kipacaça, ainda inconsolável. Os homens chegaram até ao grupo delas. Naquele instante Teixeira saía da casa de banho com o Bondi e o Jeremias. Falou em última instância com a empregada que também estava aí. Os homens viam as mãos das meninas e foi aí que o Simbad com os seus óculos parecidos aos do Agostinho Neto, viu com os olhos secos o ferimento numa das mãos.

— Achei. — gritou, efusivo.

— O que? — perguntou a mulher em pé, não sabendo do que se tratava. Não teve resposta. Todos encostados à parede, inclusive a direcção do centro, deixaram pairar no ar a expectativa. Parecia que a investigação chegara ao fim. Bondi trazia um saco transparente onde constava uma corda e mais um saco onde constava uma pedra. A faca estava no saco que trazia o Jeremias mais o telefone do Kipacaça.

— Meus senhores, obrigado pelo tempo e paciência. Proceder a uma investigação sem meios é muito difícil, mas felizmente e graças aos nossos estagiários forenses, pudemos apurar os autores do assassinato do Dilson Maria. Como vocês viram pelo corpo, mais parecia que o malogrado fora morto pelas cinco facadas na casa de banho dos homens. Não foi assim. No mundo criminal, devemos ter maior desconfiança daquilo que parece óbvio

— Como assim? — espantou-se o Lucas Cassule.

— Dilson foi morto na casa de banho feminina. Causa da morte? — Teixeira fez silêncio. Toda a sala fitava-o. — Dilson teve um traumatismo craneo-encefálico, resultante duma batida forte desta pedra, o que originou a formação de coágulos e edemas.

— Uma pedra? — era o Luefe.

— Sim. Recolhemos vestígios do edema que o malgrado tem na testa. Comparamos com os constantes na pedra, pedra esta encontrada na casa de banho. São os mesmos. E, finalmente comparamos com os vestígios recolhidos nas unhas da Irene e... são os mesmos! A Irene A'mosi desferiu o golpe. Teve motivo, discussão com o Dilson, meio, a pedra e oportunidade, o encontro na casa de banho.

— É mentira, é mentira, mentira! — Explodiu a menina de seios angelicais.

— Não muito distante, e porque estavam todas na casa de banho, Dilson Maria já no chão sem vida, Priscila sacou a corda que seria para os elementos da Mediateca de Luanda coreografarem o número que teriam no evento e asfixiou o já morto Dilson.

— Não foi a asfixia a causa da morte? — perguntou a Cíntia.

— Não. Ele não apresentava sinais externos da asfixia. As mãos da Priscila, ainda avermelhadas, têm o formato e escoriações provocados pela fricção da corda. Também teve meio, motivo e oportunidade. — Priscila não se opôs. Ficou calada.

— Priscila!? — questionou o Lucas Cassule.

— Finalmente, e depois de as duas terem feito o que já frisei, a terceira pessoa que havia testemunhado uma briga entre o Dilson e o Beni Dya Mbaxi, percebeu que este último tinha uma faca. Depois de segui-lo porque a queria, teve a sorte de ver o Beni a sair da casa de banho sem o objecto pontiagudo. Diligentemente, entrou nela, sacou a faca e correu

para a casa de banho feminina. Aí, com toda a raiva, fez cinco golpes no pobre coitado. Estes golpes foram feitos com raiva, tanta raiva que ela não sentiu o gavião ou calcanhar da faca a ferir-lhe o dedo. Esta pessoa quem é?

Simbad avançou até ao centro e num tom teatral, gritou:

— Florinda Lucas! — toda sala reagiu numa admiração abismal, lembrando a ligação amorosa que ambos tinham.

— É um crime passionnal! — falou a Johanna.

— Sim. — Era o Jeremias. — Com o homem morto, as meninas precisavam atirar as culpas aos homens. Foi assim que encenaram a cena do crime, transportando o corpo para a outra casa de banho.

— Mas como fariam isto sem serem vistas? — era o Velho Kipacaça.

— E não foram vistas porque não foram elas. Subornaram uma das funcionárias da limpeza para o fazerem.

— Prove, prove tudo isto! — protestou a Irene.

— O Dilson criou um grupo de WhatsApp. Excepcionalmente mando-vos três fotografias feitas pela Emanuela ao Velho Kipacaça. Nelas, e sem o modo profundidade, vêem-se as três senhoras em conluio a tirarem o balde azul de meio metro e a passarem-no à empregada. — No mesmo instante, todos os telefones emitiram o som característico do aplicativo e quando abriram as imagens, lá estavam a Irene, a Priscila e a Florinda, à porta da casa de banho feminina a entregarem o balde à uma empregada de limpeza.

— Assassinas! — falou a Isvânia! — naquele instante, os serviços de investigação criminal e entravam no centro. Com todo o dossier feito, Teixeira fez a entrega aos homens que se rejubilaram ao verem-no aí.

— Bem, vou embora. — disse o agente.

— Obrigado por teres vindo.

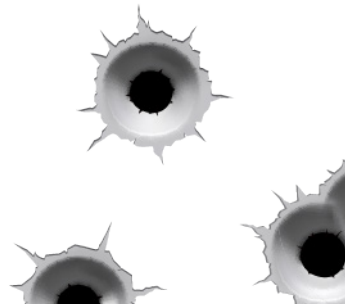
— Disponha, sempre. — O homem sorriu.

— Quando é que voltas?

— Quando quiseres, quando quiseres. — Jeremias sorriu, antes de guardar o telefone no bolso.

10.01.202

Jeremias Sebastião Manuel



De que vale um conto, um romance preso na sua gaveta?
Publique com a É SOBRE NÓS!

É Sobre Nós Editora

Seu livro, nosso legado!

geral@esobreler.ao

https://instagram.com/esobrenoseditora_oficial

+244 926 155 992 | +244 919 146 296